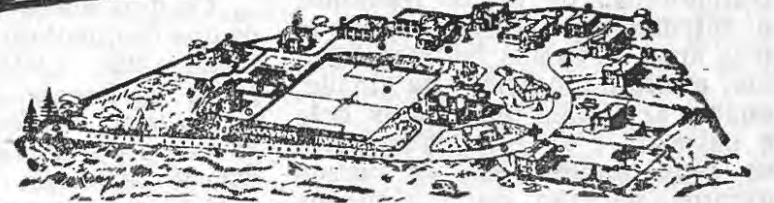




Visado pelo  
Comissão de Censura

# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XII • N.º 300 • PREÇO 1500

## PATRIMÓNIO DOS POBRES Aqui, Setúbal!

Ainda estou quente das impressões recebidas ontem, ao entregar duas moradias à beira da estrada a dois passos do colégio da Formiga. O acto estava marcado para as dezasseis. Enquanto o povo se ia reunindo, entrei no colégio pela mão do seu director, padre Miguel Sampaio. Percorremos. Demos fundo na cozinha. *Aquele é o refeitório dos pobres.* Estava um à mesa. Diariamente vêm ali comer dezenas e outros levam para suas casas. Há um padre visitador que vai pelos lugares investigar e segundo me disse o Reitor, tudo se passa como eles dizem. A construção, entrega e manutenção das casas, é a cúpula. É uma consequência. Padre Miguel Sampaio, muito baixinho com receio de ser ouvido, foi me dizendo que nunca sentiu falta de dinheiro no governo da casa. Não pode sentir. Os Pobres impedem. Mas há mais. São os afastados. Os desgostosos. Estes começam a ver as boas obras e a acreditar no Pai Celeste. Sim, porquanto sem obras de misericórdia, não pode haver no mundo amor de Deus. É por elas que nós mostramos discípulos.

As tantas estávamos todos reunidos no templo e fizemos oração em comum. Autoridades, Corporações, povo e o melhor da festa; as famílias escolhidas pelo padre visitador, o que nos dá a certeza de serem qualificadas. Fazemos uma pausa e bebamos todos desta fonte. Temos aqui o modelo das entregas de casas do património. Nem mais nem menos. Dez minutos e estávamos no local. Aquelas três casas abrigam hoje três famílias, compostas de vinte e oito membros. Só é capaz de compreender a sua fortuna de hoje quem souber como e aonde viviam ontem. O que deveras me impressionou, foi a mãe que pisa a sua nova residência com um filho ao colo, um no ventre e oito pela mão! Eu vi-a chorar! Impressionado, muito impressionado, sim, pelo aspecto das nove crianças. O pai delas é um ajudante de motorista. Quanto ganhará? Deste sítio e como quem chora, lanço um apelo à Obra das Mães e à Defesa da Família e a todos quantos tenham meios e coração. Nem se diga que por amor duma só família não vale a pena deslocar-se. Isso é preguiça. O desejo é que marca e valoriza a nossa obra. Visitar e socorrer aquela com desejo sério de fazer o mesmo a outras, a todas, eis aqui a doutrina. Obra das Mães. Defesa da Família. Quem amar que sublinhe e mande pelo correio ou entregue. Fica a dois passos

do Porto. Vai-se mesmo a pé. O aspecto daquelas nove crianças que nunca tomaram leite nem outro alimento que bastel! Eu só queria que um médico livre fizesse um relatório e dissesse destas e de milhares e milhares de crianças tudo quanto é necessário dizer-se; eu só queria.

Estamos afeitos às grandes datas, quando é costume afirmar-se tudo quanto o Estado tem feito. E é preciso. E é verdade. Só por má fé poderia alguém duvidar. E quem é que fala no que está por fazer? E também é preciso que se diga. Para quê? Para que se faça. Eis.

...

As construções prosseguem. Se Estado, se Caixas, se Câmaras, se quê, isso não importa. O que é preciso é construir, Património dos Pobres à frente porque estes são em maior número. Na volta que ontem demos, topámos uma na Livração, em alicerces. O pároco teve a rara habilidade de convidar o seu povo e todos dão

uma ajuda, a começar por aqueles que nunca tiveram nem alimentam esperanças de possuir uma. Passando por Agrela de S.º Tirso, demos com três em telha, um nadinha afastadas, sim, mas podem ser vistas da estrada nacional. Também ali é o pároco com seu povo. A massa dos operários despegam e apegam-se. Eu tenho que não há um mais belo e mais verdadeiro amor do próximo, nem forma mais prática de pregar Cristo. Este movimento do Património é mesmo uma revelação de Cristo. Quem não compreende assim, não compreende nada. Dali a Fajozes a distância não é grande. Em lugar airoso e no coração da freguesia, levantam-se três casas geminadas para um casal ou um indivíduo. A seguir a estas e no mesmo sítio, vão-se construir delas para famílias numerosas. Elegantes, bem implantadas, materiais de primeira. O edifício do meio, ostenta *Património dos Pobres*. Não há ninguém em Portugal, que mais adore esta presença ou que mais sofra a sua ausência—ninguém.

## AQUI, LISBOA!

Há quem venha procurar nesta coluna, o ruído do fogo, assestado nesta fortaleza, contra os erros e chagas sociais que afligem a nossa Capital. Para variar, porque nem sempre as feridas se curam com cáusticos, vamos deixar as amenas margens do Tejo e dar uma volta pelas cristalinas águas do Sado.

Cartas várias vindas das bandas de lá, dão-nos conta da oportuna fundação da Casa de Setúbal, a inaugurar oficialmente no fim deste mês de Agosto. Há dois meses que funciona em regime de experiência e, pôde já receber os primeiros refugiados.

Abriu a série um pequenito de sete anos que tem os pais nos Sanatórios. Os irmãos mais velhos estão já atacados do mesmo mal. Parecem de asas de grilo, os pulmões deste pequenino, tal a chiadeira que fazem.

Tão fraquinho se nos apresentou, que houvemos por bem levá-lo aos médicos de Lisboa. Felizmente que a Assistência tem agora possibilidades de observar rapidamente todos os casos que se apresentam. Radioscopia, radiografia, análises várias, etc. põem a descoberto o progresso do mal. Vamos a ver se lhe acudimos a tempo.

Entretanto a boroa cozida pelo Peniche e o caldo preparado pelo Folgozinho, parece que vão tapan-do cavernas e abrindo apetite. O mal, creio que era do estômago: chamava-se fome.

A recomendação para o segundo refugiado, veio da Fábrica Covina. Era um abaixo assinado que principiava pelo Gerente, o Sr. C. Galo, e terminava no último operário. Como foi possível que um rapazinho despertasse a simpatia de tanta gente? A morada apontada era a Quarta Azinhaga do Mal-Talhado, Setúbal.

Foi pelos becos e vielas que o rei da parábola do Evangelho, mandou os seus servos procurar coxos, aleijados e famintos, para os sentar à sua mesa. Os Padres da Rua, fieis servos do Pai Celeste, cumprem à risca este mandato. Rejeitam convites para fartas bodas, olvidam os compradores de quintas e juntas de bois (hoje o Mestre diria automóveis) e vão pelas azinhagas *mal-talhadas*, em busca das ovelhas perdidas.

Em Setúbal ninguém se desnorteia. Não há polícia, nem motorista, nem dona de casa, que diga—não sei. Todos se esmeram em descobrir o que se procura. Assim não foi difícil encontrar a 4.ª Azinhaga. Uma chusma (em

Já lá vai um mês que a nossa Casa de Setúbal abriu num majestoso edifício construído pela Polícia desta cidade, sito nas cercanias de Setúbal para as bandas de quem vai para Évora com lugar espaçoso para cultura, muito arvoredo e bastante água, permitindo ao rapaz colher grande parte do que precisa sem todavia prescindir da caridade de todos.

Digo, não nos bastamos; precisamos de quem nos ajude, já porque o grosso do nosso pessoal será sempre constituído de crianças.

Estamos muito necessitados de tudo, diz um nosso catraio, porque já não são só os doze que vieram das diversas Casas da Obra, mas por mercê de Deus a Casa vai-se enchendo com novos habitantes de palmo e meio e estes vêm geralmente desprevidos de tudo.

Como sei ser atendido, atrevo-me a manifestar o que os nossos rapazes desejam:

Após estas linhas já posso dizer-lhes que vamos ter aparelho de rádio, jogos de mesa, de ténis, glória, dominó, etc. Isto tudo será ofertado pelos nossos amigos da cidade de Setúbal.

Instalados há poucos dias já podemos referir no nosso jornalzinho, amigos que nos vêm visitar com sua estima e ofertas. E assim tivemos a honra de receber a primeira família, que se diz assinante do Gaiato, que é das bandas da Quinta do Anjo, Palmela, trazendo-nos dois cabazes de fruta e hortaliça. Logo em seguida surgiu-nos outra família assinante e amiga da «Obra» vinda da cidade de Setúbal que trouxe em furgoneta fechada, talvez para esconder à vista dos homens, porque só a Deus queriam por testemunha, roupas, mercearias etc.

Bem haja Deus que assim vai tocando nos corações dos homens realizando os seus planos.

P.º JOSÉ

qualquer bairro pobre de Setúbal as crianças são às centenas) de garotos rodeiam-nos curiosos e dão-nos preciosos elementos para a ficha.

—O *Chumbito*? ah, isso é um grande malandro! Faz parte da malta do Ma-pão; já assaltou uma Carvoaria. E as virtudes do rapaz foram todas desafiadas até que chegamos ao termo da azinhaga, onde nos apontam a mísera barraca da Mãe. O Pai tinha morrido, pouco antes, no Sanatório. Na cara dela e dos outros três filhitos lê-se também a palavra *fome*.

O *Chumbito* veio. Cá o temos. Esperto, activo, ninguém diz à

(Continua na quarta página)

# A Voz do Atlântico

Por  
Padre Elias

# RETIRO

... Vamos deixar a cidade, dentro de poucos dias. Abandonamos as actuais e luxuosas instalações, testemunhas de tantos trabalhos e sofrimentos, nestes primeiros três anos, e vamos fixar residência, a oito quilómetros da cidade, onde o ar é mais puro, mais bela a natureza e onde as aves fazem os seus ninhos. Ali, os nossos garotos, poderão gritar a plenos pulmões, sem incomodar a vizinhança, poderão trepar às árvores, assobiar aos carros que passarão no caminho, fazer zaragata. Não conheço rapaz normal, que não tenha sido zaragateiro, quando criança.

Aquela quinta, que o PAI CELESTE guardou, para santuário e santuário dos farrapos das ruas de S. Miguel, anda agora em revolução: São dezenas de mestres, tratando da adaptação do prédio urbano; são dezenas de trabalhadores, roubando ao pomar terreno para pão; são dezenas de mulheres, na apanha e no fabrico do chá; são os pequenos, agora livres dos trabalhos escolares, armados em serventes e trabalhadores. A furgoneta Morris, transporta-nos em dois turnos, de manhã e à noite. Partimos a cantar e regressamos a cantar. A gente pára nos caminhos para nos ver passar.

Mais trabalhos, mas muito menos inquietações, menos partidas e menos tribunais. Trabalham todo o dia, voltam para casa cheios de terra e de sol, e, de cansados, logo que acabam de jantar, com muito apetite, deitam a cabeça sobre a mesa, vencidos pelo sono. Depois da oração da noite, cada dormitório é um santuário. Sono profundo e reparador.

Perguntei um dia, ao mais velho e ao mais ajuizado de todos, se gostava de trabalhar lá em cima. Respondeu que gosta muito. Que aquilo é que sim. Que até não vêm coisas tristes à cabeça. Que não faz pecados.

Quem não há-de adorar estas confidências, da boca do nosso Rafael? Quem não há-de ver nisto tudo um milagre do PAI CELESTE? Quem não O há-de louvar, por todos os benefícios? Quem não há-de? Eu cá louvo; eu cá digo que não fomos nós. Se não pensássemos assim, pensávamos em mentiras e tudo caíria ao chão. Louvo o PAI CELESTE, todas as manhãs, quando celebro o tremendo Sacrifício dos Altares, e louvo-O à noite, quando os pequenos dormem, e entro nos dormitórios, para vigiar o sono.

... O ano lectivo terminou com muito bom aproveitamento cá em Casa. Nove passagens da primeira para a segunda classe, oito da segunda para a terceira, cinco examinandos de terceira e dois de quarta classe. Dois dos mais velhos fizeram exame na Escola Industrial, e saíram bem. Outros dois estão a estas horas na mesma Escola nas provas de admissão.

Assim se trabalha a favor do ensino, contra o analfabetismo, na nossa Casa.

Os dois doutores, chamo assim os que frequentam a Escola Industrial, estão castigados. Deram faltas na Escola, apareceram em casa com cabritos, sem terem cabras e eu estive para os arrancar às carteiras. Estávamos porém no fim do ano e permiti que fossem às últimas aulas e aos exames, mas rapados. Saíram bem, e um deles arrancou muito boa nota. Terminados os exames, arranquei-lhes os sapatos dos pés, as gravatas do pescoço e mandei-os com os outros para Monte Alegre. É um castigo e uma prova. Lá andam eles, sacos de fardo pela cabeça, cestos cheios às costas, todo o santo dia, servindo mestres. Quando passo, eles fitam-me nos olhos e eu faço o mesmo. Se trabalharem bem, e derem provas de muito juízo e de fidelidade, voltam para a Escola. Se não, não. Nos primeiros quinze dias não há nada que dizer. Têm cumprido escrupulosamente.

Há dias, fui encontrar um na hora do recreio, sentado à sombra de uma árvore, ao fundo do prédio, rosto escondido entre as mãos, cotovelos apoiados nos joelhos, a chorar. De longe ainda, percebi que falava sózinho. Nada lhe perguntei. Nadá me disse. Simplesmente olhos com olhos. É o suficiente para nos entendermos.

Cordeiro, um dos melhores da segunda classe e hoje na terceira, foi apanhado em conversa pegada com o Zeca: «Daqui em diante, tens de me chamar senhor, porque eu agora estou na terceira classe.»

Este diz que quer ser médico e se continua assim, não lhe ponho dúvidas. Nunca será no entanto, um bom cirurgião. No caso de ferunculo ou de criadela, temos de os juntar todos na enfermaria, para o segurarmos durante a operação. E grita, e clama por todos os entes, deste e do outro mundo, vivos e falecidos.

... No último domingo, dezasseite, um grupo de vinte e cinco, foi à nossa Paróquia de S. Pedro, fazer a sua comunhão solene e renovação das promessas do Baptismo com os outros meninos da paróquia. Laços brancos nos braços, velas nas mãos, almas limpas. À saída, já no adro, aproxima-se uma Senhora, da alta e de idade, com um beijo nos lábios para cada um, e um aperto de mão para mim com lágrimas nos olhos. «Tu és padre, o mais feliz de todos os homens, e os teus filhos pareciam anjos na Igreja. Quem pudesse ser pequenino e pertencer também à Casa do Gaiato.»

Naquelas horas, não se mente nem finge. As lágrimas eram abundantes.

Feliz de quem nos ajuda a levantar o Portugal pequenino, que se afunda na viela.

P. Elias

Tivemos o nosso retiro no Mosteiro dos Monges Beneditinos de Singeverga. Foram os maiores, em número de 31, sendo dois do nosso Lar do Porto. Foi dirigido pelo Reverendo Senhor Padre Oliveiros de Jesus, pároco de Almeirim, que para aqui vir teve de fazer um enorme sacrificio. Ficamos imensamente satisfeitos com ele.

Saimos de Paço de Sousa na terça 9, pela volta das cinco horas, com Senhor Padre Carlos, indo acamados como a sardinha, pois a camioneta era muito pequena.

Foram uns dias de recolhimento, onde esquecemos o barulho

## Notícias da conferência da Nossa Aldeia

Da cidade do Porto: para pagamento das minhas coas de Julho e Agosto, da Conferência, 20\$00. O que será feito dos meus colegas Bêbés? Fiquei só eu em campo? Bêbé n.º 3. Já todos conhecemos nesta coluna o Bêbé n.º 3. Vamos ver se vem mais algum no encaixe. Uma Maria da Mariana das Ondas diz que no caso de sobrar dinheiro (do pagamento do jornal) podem entregar à Conferência, 30\$00. António Mário Ribeiro da Costa do Porto, 80\$00. Assinante 18.065, de Pias, 10\$00. Num envelope 20\$00 para o leite dum doente da Conferência. Atenção Brasil: Maria Vieira Ferreira, de Copacabana, 20\$00. Talvez por via do câmbio, os portugueses do Brasil estão um pouco arredados da nossa coluna. Assinante 11.273, do Porto, 70\$00, remanescente do pagamento do jornal. Atenção América do Norte: Feço que dá (5 dólares para pagamento do Gaiato) tire se pode 20\$00 para a Conferência, para o pobre mais necessitado. Gostava de saber se os recebeu pois tenho feito o mesmo todos os anos e não sei se tem chegado ao seu destino. É a assinante 7.505, do Naugatuck. Quem dera que estes dólares puxem outros e outros, a bem dos pobres. Maria das Dores Malaquias 20\$00. Por alma de Idalina da Conceição, metade, Georgina Marques da Costa, idem. Da Quinta do Eirão, Mouramorta, 50\$00 para os pobres mais necessitados. Um vale de Maria Tereza, de Lisboa, na importância de 20\$00, que gostava de destinasse à Conferência. Ao mesmo tempo peço uma oração pela alma de uma pessoa de família. De Lamego 170\$00. O assinante F. F., de visita à nossa Aldeia, lembrou-se dos nossos pobres com 50\$00. Senhora A. F., do Porto, 20\$00. Assinante 17.022, de Leiria, idem. Por fim, A. V. Pinto, envia uma pequena esmola para a Conferência, pedindo uma Ave Maria por uma intenção do assinante 2.052. Por hoje, mais nada. A todos, como sempre, os os nossos melhores agradecimentos.

Julio Mendes

das máquinas das oficinas gráficas, do café com que se trabalha nos escritórios; da Redacção e da Tipografia, das máquinas dos Ferreiros, igual sorte dos carpinteiros, dos alfaiates, sapateiros, pedreiros, trolhas, das tarefas dos campos de cultura.

As vistas panorâmicas aqui são muito lindas. Estamos mais pertinho, em pleno contacto com a natureza.

Senhor Padre Oliveiros vai-nos dizendo dos benefícios que tiramos em andar de boas relações com o Alto. Da obrigação de termos de transmitir aos outros, repararmos irmaamente, daquilo que recebemos. Que vimos de Deus, mas que Para Ele não se caminha de mãos nos bolsos, vazios. Temos de dar as voltas necessárias, para alcançarmos o visto no passaporte, de contrário lá se vai!

Hoje 10, assistimos à missa de S. Lourenço, tendo o Reverendo Senhor Padre Oliveiros frizado os passos principais da sua vida. Gostamos muito da vida deste diácono e então descrita por este Padre muito mais, pois dá-lhe uma vida formidável!

Nós não somos capazes de enfrentar com coragem, a mais pequena das contrariedades e se lhes damos luta algumas das vezes, é quase sempre de nariz torcido. Porém, S. Lourenço, ofereceu sua vida por Amor à justiça, à pureza, dos Irmãos pobres e para maior Honra e Glória de Cristo Senhor Nosso. Com o seu sacrificio e exemplo, levou para o redil verdadeiro, muitas ovelhas e muitas outras levará para que o nome de Deus seja ouvido em sentido, e com respeito glorificado.

Vimos a este retiro para levarmos forças. Somos muito fracos, precisamos delas.

Quando estamos na graça de Deus, temos a Santíssima Trindade no coração, recebendo bens constantes.

Quando pelo pecado mortal, cortamos as relações que mantinhamos, ficamos privados dos bens do Pai Celeste. Somos seus filhos, a Quem pertencemos pelo baptismo; mas não estamos nas condições de herdeiros. Ficamos automaticamente orfãos de Pai. E isto acontece muitas vezes se nós não aproveitarmos os momentos em que O temos por hóspede, se encontramos em nossa casa, falando-lhe, servindo-lhe franco. Sei que faz bem desabafar. Porque não devemos nós desabafar com Ele?

Estamos imensamente gratos ao Senhor Padre Oliveiros pelas atenções que nos prestou e esforços que dispendeu.

Igualmente aos irmãos Beneditinos, que multiplicaram o seu cuidado para que chegasse para nós e a quem só demos trabalhos. Não podiam ficar no esquecimento as palavras amigas dos senhores padres da mesma ordem e de Monsenhor Pereira dos Reis, antigo Reitor do Seminário dos Olivais que nos deu o subido prazer de saborearmos a sua palavra, que é afinal a

(Continua na quarta página)

## LIVRO «VIAGENS»

Lembramos a todos os nossos leitores que podem inscrever-se como assinantes da nossa Editorial. Basta dirigirem-nos um simples postal pedindo a inscrição e encarregar-nos-emos de enviar pelo correio as obras saídas do nosso prelo.

# ISTO É A CASA DO GAIATO

... Esteve aqui há dias uma família de Lourenço Marques. Alguns dali naturais e não conheciam; outros que tinham ido de cá em pequeninos e também não conheciam. Vinham das Pedras Salgadas de cura de repouso e traziam uma ferida no coração. Um pequenito. Um rapaz que por lá andava sem família e corrido de toda a gente por causa do seu aspecto e da tinha. Deixaram ficar o nome. Dirijo-me ao pároco. Quis participar da ferida.

Eles eram visitantes. Se bem impressionados de tudo que estavam vendo em Portugal, quis que também ficassem da mesma sorte com o préstimo da Casa do Gaiato. Como todos se fizeram assinantes, aonde quer que se encontrem hoje, fiquem sabendo que sim. O rapaz foi entregue pelo pároco aos bons officios do condutor do combóio que o deixou ficar em Cête e o chefe da estação mandou-o aqui. Seguiu imediatamente para o hospital Joaquim Urbano. Depois de curado regressa a sua casa. Esta casa é destes.

... De manhã chegou outro que não é de cá, mas por força das circunstâncias houve de ficar. Seria um infeliz e nós fizemos violência à nossa regra e propósito. O caso é vulgar. A sociedade luta com muitos destes infelizes. É o Asilo. Dantes, por haver menos gente, havia por isso mais vagas. O rapazinho saído aos catorze, facilmente encontrava pessoa que continuasse a sua educação. Hoje porém é tudo diferente. O mundo anda cheio. Não há vagas e o regulamento continua. A Mesa não quer. A Direcção julga que cumpre, cumprindo; e todos os anos enche o mundo de infelizes!

Eu tenho para mim que vão sendo muito horas de agir. Nós estamos para servir o Asilo ou dar à Pátria homens prestimosos? Porque é que não reformam? Que falem. Que ajustem. O órfão tudo merece. Quanto dinheiro! Quantos esforços! É tudo contra a razão. Tudo contra o bom senso. Tudo contra a economia nacional.

... Temos um do asilo ao qual também naquele tempo não soubemos resistir por ter observado nele um rapaz nobre e desgraçado. Hoje é uma coluna da Obra. Vai-se casar. Anda em preparativos e procura-me mais vezes...! Um dia destes, ao cair do sol, aproxima-se e diz: *se não fosse esta casa eu nem sequer podia sonhar num casamento*. Pergunto: que recordações pode guardar em seu peito este rapaz por uma casa que lhe foi madrastra? Dito deste podemos dizer o mesmo de centenas e centenas com a mesma verdade.

Quem dera, que nos meus dias eu chegasse a ouvir dizer que já se procedeu a uma reforma total de amparo aos órfãos e abandonados. Oxalá.

... A nossa aldeia pelo muito que dela se diz, é sítio aonde tudo vem ter. Desta vez trata-se de uma rapariga do povo, natural do Baixo Alentejo, onde os assinantes são em grande número. Ela sabe ler. Tomava conhecimento dos ditos e feitos desta coluna. O *Formiga* parece ter sido a sua paixão e a rapariga pede licença aos pais e mete-se a caminho. Levou um mês. Ontem vi eu avenida acima a figura dela, fresca e apressada com sua alfofa em cada mão. Sentia-se nos degraus da Casa Mãe à espera de quem lhe aparecesse. Fui eu. Deu conta da sua aventura. Ficou aquele dia. Ficou mais outro. Pediu para ficar sempre, mas como poderia? E regressou à sua terra natal, a nossa jovem alentejana. Hoje no meio do seu povo, pode falar do que viu em vez de discutir o que leu.

... Andava aqui um grande segredo na boca do *Palhaço*, que é alfaiate. O rapaz foi com ele até ao fim numa prodigiosa resolução; poucos seriam capazes de tanto. Era uma galinha. Uma galinha a pôr ovos num determinado lugar da antiga pedreira, de onde saiu a pedra para as lindas construções da aldeia. Cada dia punha seu ovo. Chegada aos quinze não pôs mais e começa a incubação. Um dia. Uma semana. O tempo. Sai o primeiro pintainho e sómente nessa altura é que o *Palhaço* revela ao *Formiga*, mais como quem cumpre uma obrigação do que quem acende curiosidades. O *Formiga* não. *Formiga* não segura. Passou imediatamente recado aos da cozinha e estes aos das casas, que fizeram o mesmo aos das oficinas, que levaram tudo aos do campo, e num instante era a voz da aldeia: *uma galinha cuca cheia de pintainhos brancos e pretos na pedreira*.

... Eu tinha-me levantado um nadinha mais tarde por ser domingo. Domingo é o dia em que mais cheira a sabão na nossa aldeia.

Camas mais frescas. Roupas mais apuradas. Os mais velhos barbafeita. Risca. Tinha tocado a levantar e ora cada um esperava pelo toque da missa, cada grupo em sua casa. Não resisti junto da casa quatro, onde há um grande número dos nove aos onze. Entro no andar fundeiro. Uns dão-se a pequeninos jogos sobre mesas do mesmo estilo. Outros entretêm-se com histórias. Há deles debruçados no peitoril das janelas, e de muitas maneiras, cada um como quer, esperam a voz do chefe. Este anda nos vinte. Muito escañoada. Fato irrepreensível. Ele é nosso desde pequenino e também tinha o seu chefe, quando era da idade dos que são hoje seus. Eu pensava em tudo isto nos momentos que ali me demorei. Era uma testemunha. Vi ternuras; os mais pequeninos, que não tinham brinquedos nem histórias, faziam festas ao seu chefe com sinais de quem lhe quer bem. Mais um momento para dar largas à minha presença. Eu estava cheio! Cheinho. As conclusões andam à tona. Afinal de contas nada daquilo que parece fazer falta, faz falta. O Pessoal, os Perceptores, o senhor Director, a disciplina, o regulamento. Tudo isto, além de desnecessário, pode ser nocivo.

... Este chefe é um nadinha doente, tanto que há meses a esta parte, não trabalha. Mas nós esperamos. Ele também espera. Nem está inteiramente ocioso. Tem as pombas. As abelhas. Outros pequeninos officios compatíveis com

o seu estado. Nunca pedimos a Deus uma doença, mas não fugimos a elas. Tanto no nosso corpo como no destes que são nossos. O que Deus manda, vem das mãos de Deus. Tomamos por riqueza do Céu quando no nospital aparece o caso grave. Anda ali o *Cacete* há quase dois anos. Quando parece estar no fim, melhora. O nosso médico afirma que é por força dos medicamentos. Torna a recair. Torna a melhorar. A cor dele é de marfim. As suas maneiras têm algo de Celeste. Sempre de pijama e muito bem calçado, quando pode conduz ele mesmo a cadeira de repouso e escolhe um sítio num bosque pequenino que há perto do hospital. Se tem mais forças vai ao refeitório. De vez em quando aparece na capela à hora da missa e comunga. É o nosso doente. Move-se como e para onde quer, em amorosa liberdade que todos aceitam e amam.

... Temos aqui uma carta de um senhor a quem se mandou *Viagens*. Tudo ali é uma doce queixa. Não conheço, mas deve ser pai quem assim sente e fala. Digo assim por saber que não há pais que não amem os rabiscos de seus filhos. Ora o livro é um rabisco. Melhor; a brochura do livro são rabiscos dos nossos mais pequeninos. No daquele senhor iam folhas trocadas. Ele comove-se. Enternece-se. Declara que quer ficar com ele na sua estante e manda 20\$ para outro! De onde se vê que o homem é um milagre de amor renovado.

... Mais doçura dentro doutra carta. Mais amor. Esta vem da América do Norte e traz a ânsia dum leitor, que quer saber do *Manuel do Embrulho*. Tantos quilómetros. Tanto mar. Outro mundo. Não importa. O coração não conhece distâncias. Também eu sinto muito a ausência do *Manuel do Embrulho*. Nunca tivemos um rapaz tão pronto e decidido. Um dia resolve fugir. Regressa e torna a fugir. Para lhe salvar a vida, recorri à Tutoria aonde hoje se encontra. Aqui tem o nosso leitor as amargas notícias de uma obra de altos e baixos, qual é esta da Rua, para gente da Rua.

... *Formiga* e Filipe fizeram ontem anos. Muitos anos. Um dezasseis e outro dezassete. Como se ocupam nos serviços da Casa-Mãe, a senhora da cozinha resolveu fazer um ganso e convidá-los para um chá, dando-lhes ao mesmo tempo licença para cada um convidar seu amigo. *Formiga* chamou o *Paisinho* e Filipe chamou o *Palhaço*. Também nós fomos convidados; senhor padre engenheiro e mais eu. A festa teve lugar na sala actual dos casamentos, uma nova necessidade da Obra. Ao centro a mesa, sobre ela o ganso, em redor chfcaras, nas cadeiras nós. *Formiga* abriu; pega numa faca e num garfo e começa a partir e a repartir. Filipe serve o chá. Aproveitou-se o momento para a despedida do *Formiga*, que deixa a capoeira e vai dar ingresso nas oficinas de serralharia mecânica. Um verdadeiro dia de anos. Uma hora muito cheia. Se isto não são linhas de retrós, não sei de outras que melhor prendam o rapaz e façam dele um homem.

... Havendo-se escolhido um grupo de trinta dos maiores para o retiro anual, houve necessidade de escolher, e o *Manel Cêco* ficou a tomar conta. Três dias de ausência e um grande lote de rapazes a governar. Não é o povo que dá o poder aos governantes como querem alguns. Não é não senhor. Todo o poder vem de Deus, mesmo aqui na nossa aldeia. Contudo, dotes, prestígio, acreditam e adornam o seu chefe. Assim aconteceu. Por muitas vezes durante aqueles três dias, ao perguntar quem é que mandava agora, a resposta era pronta e unânime—é o *Cêco*. Poderiam ter dito que era eu, por amor das minhas cans. Poderiam ter ido mais longe e dizer que era o senhor padre engenheiro. Pois não. Não senhor. Nada disso. É o *Cêco*. O que tem mais graça, é que ele, o *Cêco* ignora os sub-chefes e escolhe para junto de si rapazes da sua confiança. Mudou. Tal como nos altos comandos da Coisa Pública, também ele, cheio de responsabilidade, vai buscar com quem se entenda. De sorte que tudo bate certo nesta Babel de muitas e diferentes cores. Ele não é verdade que existem quadrilhas de menores, superiormente e inteligentemente dirigidas por um? Não é? Pois se para o Mal, porque não para o Bem? A inteligência é uma só.

... Estamos em tempo de férias aqui em Paço de Sousa, assinalado pelos dos nossos que as vêm gozar. Consoante seus empregos e profissões, assim a duração delas. Aumentam os nossos trabalhos. A disciplina sofre. Eles espreitam e metem-se em todas as oficinas e aí temos que o maior inimigo de quem trabalha é o que não tem que fazer. Temos tido os grandes ases da traquinice, *Piolho* à frente. Outros mais socegados, todos os estilos. *Pombinha*, que traz um mês, armou logo à chegada um tal pé de vento na cozinha, que a senhora da dita pôs sanções rigorosas, se ele tornasse a entrar lá dentro. Júlio, que estava ao pé, resolveu *empregá-lo* na tipografia, secção Editorial, a empacotar *Viagens*. Não fico pelos rótulos... Também os africanistas. Foi mui feliz a ideia de construir fora de muros uma casa de hóspedes. Outros costumes. Mais nível. Estão actualmente Amadeu Mendes e Antón. o Teles.

... Este casa-se no dia 5 de Setembro, na capela da aldeia. Foram dela em pequeninos! No mesmo dia o Manuel Pim. É por via destas datas que houvemos de dar o nome e fazer de uma dependência da Casa-Mãe, a sala dos casamentos.

... Que dizem os senhores ao Amândio, na *Ci'y*, aonde tirou esta fotografia — que dizem? A sua história...! Ao vê-lo abri as páginas do seu livro e recordei. Sim. Digo bem. Os pais trazem no coração a história de cada filho. Deus o ajude. Que seja acima de tudo um homem interior. Mais nada. Mas é este na verdade o panorama do *Isto é a Casa do Gaiato?*

